

Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico

Bolsonarismo: from the culture war to domestic terrorism

Bolsonarismo: de la guerra cultural al terrorismo

Mário Jorge de PAIVA¹

Resumo:

Resenha do livro *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*, de João Cezar de Castro Rocha (2023).

Palavras-chave: Bolsonarismo; guerra cultural; terrorismo doméstico

Abstract:

Review of the book *Bolsonarismo: from the cultural war to domestic terrorism*, by João Cezar de Castro Rocha (2023).

Keywords: Bolsonaroism; cultural war; domestic terrorism

Rsumen:

Reseña del libro *Bolsonarismo: de la guerra cultural al terrorismo interno*, de João Cezar de Castro Rocha (2023).

Palabras clave: Bolsonarismo; guerra cultural; terrorismo interno

O livro *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico* é uma obra que, junto com outros trabalhos recentes, apresenta um esforço de dar inteligibilidade aos propositalmente confusos movimentos da ascensão da nova direita radical no Brasil. É uma obra formada por alguns ensaios e entrevistas de João Cezar de Castro

¹ Doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: mariojpaiva91@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7158-4371>.



Rocha (2023). Enquanto livro que possui material lançado anteriormente em diferentes meios, há algumas redundâncias no material apresentado. Entretanto, o autor é muito claro e contundente em suas hipóteses e análises do presente.

Como apresentado pelo autor, também vale dizer, este trabalho pretende ser parte de uma trilogia, logo é uma investigação incompleta.

Para Rocha, a democracia brasileira, instável desde seu fundamento, se revelou bastante frágil diante do avanço da extrema direita. E não há respostas fáceis aos motivos dessa onda de extrema direita ter sido tão forte no Brasil.

Parte de seu trabalho visa sair da caricatura do bolsonarismo e passar à sua caracterização, algo difícil pela dinâmica errática do fenômeno. O avanço da extrema direita internacional envolve relativa incapacidade do campo progressista de entender o alcance radical das mutações provocadas pelo universo digital. Assim, se forma uma guerra cultural, centrada na pauta de costumes, que é transformada em uma máquina eleitoral extremamente eficiente. Parte de seu êxito, inclusive, pressupõe que muitas de suas estratégias não são vistas como discussões sérias.

A guerra cultural é vista como uma matriz de produção de narrativas polarizadas em série e que possui uma radicalização crescente, engendrando sem parar inimigos imaginários, mantendo a militância em permanente agitação. Também é lida como uma máquina de produzir *Fake News* e teorias da conspiração para ganhos políticos. Logo é uma visão maniqueísta da realidade que se alimenta de mentiras, como o *Kit Gay*, a *mamadeira erótica* ou uma ameaça comunista, que possuem um alcance inédito. Por isso, ou a democracia encontra novos mecanismos de regulação ou há risco do avanço autoritário dessa extrema direita global.

A ideia de uma guerra cultural não é totalmente nova, explica o autor da *Kulturkampf*, a batalha pela cultura, da Alemanha do século XIX, em uma disputa de valores entre progressistas e conservadores, esquerda e direita e por aí vai. Rocha vê a ideia de uma guerra cultural como um fenômeno moderno, que possui paralelo também com a *Querelle des anciens et des modernes* no século XVII, um ponto inicial de corte, e que se estende no século XVIII inglês com a *Battle of the books*, incluindo até uma guerra cultural longamente posta pelos filósofos da Ilustração.

Dando um salto no tempo e mudando a área geográfica, Rocha relembra do polêmico *The closing of the american mind* de Allan Bloom, de 1987. Na sequência, em 1991, é lançado o livro *Culture wars* de James Hunter. Nestes livros já há o sentido de guerra cultural como disputa narrativa sobre valores que orientariam famílias, arte,



educação, política etc. No caso brasileiro recente, é uma batalha contra o inimigo interno, que, no fundo, pode ser visto como qualquer um que não seja bolsonarista.

Sobre Bolsonaro e Trump o autor afirma que eles se colocaram em uma posição de *Auto-Zugzwang*, sendo que o *Zugzwang* é uma posição no xadrez em que se deixa o adversário perdido. Ao usarem da guerra cultural para se elegerem ambos se tornaram vítimas dela, pois se reduzem à agitação permanente, e nesse jogo, de violência simbólica, a militância pode buscar outras figuras de poder. Essa conduta envolve até a forma como geriram a pandemia de COVID-19, com cloroquina, ivermectina, aglomerações sem máscaras etc. Mesmo que seu número de eleitores, em meio ao caos e a catástrofe, tenha sido considerável. Houve uma parcela mais fanatizada por tais líderes que adotou a mentalidade de certas seitas religiosas, logo, o autor remete às seitas seculares.

No Brasil, a tensão acumulada de ataques por meses à Justiça Eleitoral gestou uma tentativa de golpe em 8 de janeiro. O episódio revelou-se mais grave do que o de 6 de janeiro nos Estados Unidos, porque aqui, entre outros fatores, foi um ataque aos prédios dos três poderes. Os radicais, fanatizados por Bolsonaro etc., produziram maciçamente provas contra eles próprios, como se estivessem convictos do triunfo golpista, pois seriam, em sua fantasia, os heróis do novo Estado autoritário. Assim é o alcance inédito dos produtos digitais, que o autor denomina de *midiosfera extremista*. Um sistema informacional com altíssima coerência interna e bastante imune em relação aos mecanismos de verificação ou críticas. Em uma ferramenta que perpassa as correntes de WhatsApp, uma série de canais de YouTube, outras redes sociais e aplicativos, como Facebook ou TV Bolsonaro, e mesmo uma *mídia amiga* nos meios *oficiais* de comunicação, como a Jovem Pan. Isso, claro, envolve um modelo de negócio, de retenção de atenção, lucrativo.

O que o autor chama de *midiosfera extremista* dialoga com uma *retórica do ódio* e com uma *pedagogia da desumanização do outro*. Paulo Freire é visto como um grande inimigo, porque a lição freiriana impede uma circulação irrestrita da retórica do ódio. A soma desses fatores leva ao que o autor chama de *dissonância cognitiva coletiva*. Uma realidade paralela, que o autor assim ironiza: “[...] o jogo só possui lisura se o time deles ganha o campeonato, em um *vale tudo* que envolveu terrorismo doméstico” (Rocha, 2023, p. 37).

O professor traça uma cronologia dos fatos recentes. Isso envolve desde os crimes determinados por dirigentes da Polícia Rodoviária Federal, que realizaram



operações de bloqueio de estradas, especialmente no Nordeste, para dificultar ou impedir o acesso de eleitores de Lula às urnas, até manifestações golpistas depois da derrota eleitoral de Bolsonaro, no 2º turno, diante de quartéis. Outro ponto importante é quando em 12 de dezembro de 2022, com a diplomação de Lula e de seu vice, esses militantes fanatizados tentam invadir a sede da Polícia Federal e queimam carros e ônibus. Enfim, aí está um momento em que o terrorismo doméstico é incontestável.

O autor também aponta como influenciadores extremistas, *vide* Paulo Figueiredo e Rodrigo Constantino, pediram abertamente a decretação de uma GLO, *Garantia de Lei e da Ordem*, a fim de impedir a posse do presidente democraticamente eleito.

Depois do panorama geral, o autor foca em análises mais direcionadas. O artigo *Guerra Cultural e acefalia*, por exemplo, remete à polêmica de Roberto Alvim, que parafraseou Joseph Goebbels, além de criar toda uma estética muito similar à propaganda nazista, com música de Wagner ao fundo, uma impostação na voz involuntariamente cômica e esgares exagerados, com um ultranacionalismo tropical. O autor afirma que o governo Bolsonaro, para as artes e a universidade, mostra-se apocalíptico. Fala também que o filme, da Brasil Paralelo, *1964: o Brasil entre armas e livros* demonstra uma inanidade intelectual da *cruzada* bolsonarista. O professor critica um revisionismo histórico óbvio e uma interpretação tão absurda que beira o grotesco. Para o autor, estamos diante de produtores de repertório limitado, incultos e ressentidos, que hostilizam abertamente as universidades e instituições de cultura.

O artigo *Arquitetura da destruição*, por sua vez, possui como principal ponto interessante um *mapa* de algumas fontes intelectuais do bolsonarismo. O autor comenta uma insensata tradução de certos aspectos da Doutrina de Segurança Nacional, pois a DSN foi desenvolvida em um contexto de Guerra Fria e uma obsessiva busca do inimigo externo. Também aborda o que é chamado de o *Santo Graal* da extrema direita brasileira, no caso o livro *Orvil*; que almejava ser uma resposta ao clássico *Brasil: nunca mais*, livro que reúne os relatos das vítimas da ditadura. Um terceiro pilar seria Olavo de Carvalho, sendo que Rocha aponta como a própria trilogia principal de livros de Carvalho dialogava com essas análises existentes no *Orvil*; algo que, inclusive, mereceria comentários mais aprofundados no futuro.

Rocha aborda como Olavo ajudou na difusão da retórica do ódio e em um analfabetismo ideológico, que gerou, em algum grau, essa polarização e desgaste do debate de ideias no espaço público. Sobre a retórica de Olavo, o autor a chama de um



vale-tudo disfarçado de *filosofices*, com xingamentos, desqualificações, piadas infantis com os nomes das pessoas e obscenidades. Sendo que esse analfabetismo ideológico envolve ler no outro somente projeções de seus próprios posicionamentos políticos.

As análises de Olavo sobre a Escola de Frankfurt são chamadas de indigentes, pois ele não possui ideia sobre o que está falando, porque não leu essas obras com cuidado e nem com olhos livres.

A aposta de Rocha contra a retórica do ódio é a ética do diálogo. Em vez de olhar para o outro como um adversário, um inimigo, a ser simbolicamente eliminado, essa ética do diálogo envolve ver o outro como *outro eu*, cuja diferença amplia o horizonte. Desde 2013 a sociedade vive em uma tensão crescente, e essa ética do diálogo visa ajudar na superação da crise.

Para o autor, amor, alegria e utopia são contramovimentos importantes para não ficarmos reféns de uma minoria radicalizada, que só quer viver em uma esfera extremista. Diante do cenário sombrio é hora de imaginar alternativas concretas e de conceber quadros teóricos capazes de caracterizar o desafio que está presente, diante de uma extrema direita que veio para ficar. O digital desconexo produz um quadro caótico, com a produção sem parar de afetos como ressentimento e ódio, sendo um enfrentamento que precisa de novos conceitos e teorias. Temos de reinventar relações e ampliar olhares.

Pandemia e guerra cultural, mais um dos artigos que queremos mencionar, aprofunda uma análise da pandemia; quanto mais profunda é a guerra cultural maior é o desastre na administração da coisa pública. Diante da realidade dos corpos se amontoando, e da gestão fracassada do problema, a guerra cultural precisou se intensificar para obscurecer tal realidade. Foi uma ostentação da cloroquina, não usar máscara, somente se informar pela mídia bolsonarista, Bolsonaro imitando pessoas com falta de ar etc.

Outro elemento importante no livro, ao discutir a teoria da dissonância cognitiva, é como uma seita de fanáticos pode continuar viva, e mesmo se fortalecer, se a profecia inicial falhar. Porque eles podem *dobrar a aposta*. Assim, Rocha lembra, mais uma vez, do caráter coletivo desse mal que se deu através da Internet com elementos de uma bolha de mídia de direita radical.

A guerra cultural, vista como o núcleo do governo Bolsonaro, é descrita como uma ameaça maior do que a ditadura, porque a ditadura possuía um projeto nacionalista, não vendeu ou sucateou a coisa pública, tinha um projeto para uma



pátria, investiu em infraestrutura; enquanto o bolsonarismo é um projeto visto como de destruição ao meio ambiente, cultura etc.

Outra dimensão tratada é o apelo parcial do público neopentecostal. Em pregações, e esse é o paralelo, parece sempre existir um inimigo, em uma batalha diária contra o mal; do mesmo modo que Damares Alves, então ministra, parecia investir constantemente contra a esquerda. Há aqui um paralelo entre a batalha *teológica* e a batalha política, que merece ser estudado.

O bolsonarismo, assim como outros momentos da história do país, *vide* o Estado Novo de 1937, em certo momento visava um autogolpe; o constante ataque ao Judiciário foi parte da estratégia golpista. O bolsonarismo, portanto, é definido como um movimento político de massas que instrumentaliza o ressentimento coletivo e a pulsão contra o sistema, mantendo os apoiadores em alerta permanente por meio da retórica do ódio, fabricação de inimigos, informações desencontradas etc. Neste sentido, é um movimento visto como autoritário e mesmo fundamentalista, já que o inimigo surge como alteridade. É uma exortação constante aos golpes de Estado e da eliminação da diferença. E essa extrema direita conta com capital internacional e com plataformas digitais, lembrando o autor, por exemplo, de Steve Bannon.

Em termos gerais, o texto é um estudo muito útil e bem escrito sobre o tema, que ainda tem pouca bibliografia acadêmica recente. O livro pode ser a porta de entrada para o desenvolvimento de outras pesquisas mais direcionadas, ou tentativas de provar ou refutar certas hipóteses levantadas. Porém, há autores contemporâneos, que estudam a direita, que poderiam enriquecer ainda mais o aporte teórico existente na obra. Em outros termos, sentimos que o livro de Rocha, mesmo sendo muito útil, poderia contar com mais interlocução. Aqui podemos pensar em trabalhos como Cas Mudde (2000), Fausto (2017), Michael Löwy (2015), Giuliano da Empoli (2020), Christian Lynch & Paulo Cassimiro (2022), Jorge Chaloub & Perlatto (2015), Patschiki (2012), Mário Paiva (2021), Compagnon (2014), Bortolini (2020), Camila Rocha (2018), entre outros exemplos.

Referências

BORTOLINI, Alexandre. LGBTQ education, gender ideology and the new far right in Brazil. **Clacls Cuny GC**, 25 maio 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?fbclid=IwAR2utp5GQ8vm9MXBrcOxGGohiITCd_3KT9



VNHaWw94G54sHCcaZSOChUcpM&v=3UAYqg4DKTM&feature=youtu.be>. Acesso em: 5 jan. 2021.

CASSIMIRO, Paulo Henrique; LYNCH, Christian. **O populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo, Contracorrente, 2022.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. **Anpocs**, 23 out. 2015. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt19/9620-intelectuais-da-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/file>>. Acesso em: 14 set. 2019.

COMPAGNON, Antoine. **Os antimodernos**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.

FAUSTO, Ruy. **Caminhos da esquerda**: elementos para uma reconstrução. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, n. 124, p. 652-664, 2015.

MUDDE, Cas. **The ideology of the extreme right**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

PAIVA, Mário Jorge de. **Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI**: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia**: o mídia sem máscara em atuação partidária (2002-2011). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, 2012.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo**: da guerra cultural ao terrorismo doméstico. São Paulo: Autêntica, 2023.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

★

Esta é uma RESENHA publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.